

EBAL

PARA TÓDAS AS IDADES

SERIE SAGRADA - 51

Série Sagrada

N.º 51 - Cr \$10,00

NOVEMBRO 1957



scan by Flavio
www.guiacebal.com

História de **SANTA CATARINA LABOURÉ**
(A MENSAGEIRA DA MEDALHA MILAGROSA)

Impressões
Em 2. XII. 1957
+ Carlos, Bize e Euterri

HISTÓRIA
DE
SANTA
CATARINA LABOURÉ

Orientação
do Cônego Antônio
de Paula Dutra

Santa Catarina Labouré

Como sempre, a implacável limitação de páginas da **SÉRIE SAGRADA** induziu-nos a deixar de lado muitos dos relevantes capítulos da vida da biografada de hoje.

Haja visto, por exemplo, a parca referência que fazemos a inúmeros acontecimentos decorrentes da longa permanência da Santa — 46 anos! — nas Casas de Enghien e Reuilly. Muita coisa importante teve de ser passada por alto! Disso, pois, só ficaram os reflexos que formularam acontecimentos dignos de nota.

*

Outra vez mais Deus realizou uma de Suas obras maravilhosas servindo-se do que há de bem obscuro aos olhos das criaturas humanas, para que só a **ÊLE** fôsse merecedora dos louvores.

Os acontecimentos de 1830 foram manifestos. Deus se serviu da humildé — senão a mais humilde! — Irmã Catarina de Labouré para firmar uma época que se fêz notável pela sua reação contra a marcha deperecente do materialismo filosófico.

O mérito dos acontecimentos nascidos com as Aparições foram transcendentais, e, dêles, temos hoje os memoráveis triunfos de uma Fé renovada e firme.

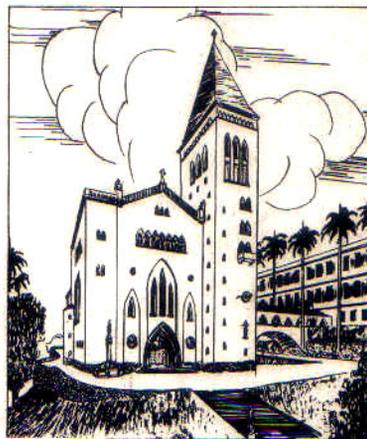
*

Catarina era, na verdade, uma criatura simples, caladona como uma camponesa, quase rude de maneiras, embora humilde e obediente. Ela não podia primar pela captação de simpatias à sua mera presença. Introspectiva, não predispunha ela ninguém a íntimas amizades. Pelo contrário. A principiar pelo então pouco experiente diretor espiritual — o Padre Aladel (30 anos tinha êle em 1830), que muitas vezes usou de recursos algo duros para se fazer obedecer naquilo que a êle parecia a melhor coisa a ser cumprida, isto é, fazendo crer à Vidente que o que ela lhe revelava eram meras alucinações

de espírito inculto; até à atitude da própria Superiora da Casa, a Irmã Dufès, que de tão avessa a Catarina, por várias vezes a repeliu bruscamente, nela provocando momentos de heróica resignação! Quantas vezes a Superiora — que depois se mostrou pesarosa de tudo quanto fizera! — não repreendeu a Santa por faltas imaginárias, e pelas quais nunca Catarina entendeu de se justificar...

*

As imagens de Nossa Senhora tocavam a Santa no mais recôndito do seu ser. Nos jardins das Casas de Reuilly e Enghien havia — e ainda há — uma estátua da Imaculada Conceição. Não podia a Irmã Catarina passar por aquela alameda sombreada, o que se dava todos os dias, sem que se detivesse, em amorosa contem-



Santuário de N. S. das Graças

Este bonito e grandioso templo nasceu da repercussão pública que a canonização de Catarina Labouré obteve em 1947. Êle se situa nos amplos terrenos da Casa Central das Filhas de São Vicente de Paula, no Rio de Janeiro.

plação, como se a figura bendita de Maria lhe falasse!

*

Santa Catarina tinha tanto afeto à recitação piedosa que recomendou em seus momentos derradeiros: "Rezai bem o Terço!"

*

Algumas das modificações porventura existentes na Capela que serviu de palco às Aparições são de inspiração da própria Santa. Em 1841, ela falou a seu diretor espiritual: "Sinto-me impelida a dizer-vos que mandeis construir um altar à Santíssima Virgem no lugar em que Ela apareceu. Isto servirá para a maior glorificação de Deus e culto de Nossa Senhora." Hoje, junto ao arco, do lado da Epístola (isto é, o lado direito quando se olha para o altar), levanta-se o *Altar da Virgo Potens*, no mesmo lugar do aparecimento da Virgem. A estátua é de magnífico mármore de Carrara, e sustenta nas mãos um globo dourado. Bela concepção de artista, decalcada nas indicações dadas pela Santa.

*

Mais do que as Profecias de Nossa Senhora à Vidente, que só serviram para nos edificar de quanto somos vigiados e advertidos por Deus, valem as Revelações que nos conduziram à instituição da Medalha Milagrosa.

O mistério da Medalha Milagrosa encerra uma portentosa manifestação de Apostolado. Por ela aprendeu o mundo a melhor orar, a melhor agir na piedade e a melhor sofrer nas agruras da vida.

Entre as maravilhas advindas da instituição da Medalha Milagrosa contam-se as conversões operadas em tôda parte, singularmente a de Afonso de Ratisbonna, em janeiro de 1842, na cidade de Roma.

N.º 51 ★ NOVEMBRO 1957 ★ Cr\$ 7.00

SÉRIE SAGRADA (Revista Mensal Religiosa). * Propriedade da Editora Brasil-América Limitada, Especializada em Publicações Para Rapazes, Moças e Crianças. * Direção de Adolfo Aizen. * Escritórios, Redação e Oficinas em Edifício Próprio: Rua General Almirante de Moura, 302, São Cristóvão. * Telefone 34-8042 (Rêde Interna). * Rio de Janeiro (Df.), Brasil. * A ortografia adotada nas publicações desta Editora é a do "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa".



TEXTO DE
AUGUSTO DE ANDRADE

DESENHOS DE
MÁRIO JOSÉ DE LIMA

HISTÓRIA DE SANTA CATARINA LABOURÉ

(A MENSAGEIRA DA MEDALHA MILAGROSA)

Os Santos são as estrélas que pontilham o firmamento da Igreja. Nesse espetáculo inaudito de reverberações divinas pós Deus a sabedoria de Suas determinações. Que luminosidade não ostentará, entre o vasto luzeiro do espaço cristão, a figura simples de Santa Catarina Labouré, a gloriosa Vidente que nos legou a Medalha Milagrosa, e nos reanimou na fé devida a Jesus e a Maria Imaculada?...

Fain-les-Moutiers é uma aldeia, próxima de Moutiers-Saint-Jean, no Departamento de Côte d'Or, na França. Uma lenda bonita fá-la ter sido fundada no Século V pelo Santo Abade João, beneditino, conseqüentemente à instalação, ali, de um mosteiro da Ordem de São Bento. Aldeia modesta, é nela que nasceu aquela que seria para o mundo a Santa Mensageira de Maria Imaculada...

Os pais da biografia de hoje eram da classe média camponesa e oriundos de famílias abastadas da região. Chamavam-se, respectivamente, Pierre Labouré e Louise Madeleine Goutard...

Pierre Labouré, o pai, teve sua instrução inicial orientada pela religião, tanto que pretendia ordenar-se sacerdote.



A época agitada da França, porém, (1793), com a Grande Revolução perturbando toda a vida espiritual do país, não o permitiu...

Casal abençoado, porém, sua prole numerosa conta-se por onze filhos, todos vivos, dos quais Catarina foi a segunda filha e a nona criatura na ordem dos nascimentos...

Estou tão contente com o nascimento desta minha filha, que tendo ela nascido ontem, às seis horas da tarde, hoje mesmo a quero ver batizada!

É natural, m'sieur Labouré. Hoje é a festa da Invenção da Santa Cruz e o Capelão da Igrejinha de Fain é o Padre Mamer, um santo e virtuoso beneditino!...



Tanto o registro civil como o paroquial dão à filha de Pierre Labouré o nome de Catarina, simplesmente. Ela, porém, passou a usar, mais tarde, em várias ocasiões, o sobrenome de Zoé, pelo qual era designada em sua aldeia natal...

Até à idade de 9 anos, Zoé viveu no aconchego do carinho de sua mãe. Porém, em outubro de 1815, Madame Labouré partiu para Deus...



A quem ficaria devendo esta menina, depois de Deus e da Virgem que tanto a protegeu, a conservação da sua inocência e a constância de suas virtudes?

A mãe, sem dúvida, que lhe foi a orientadora exemplar, a carinhosa mestra do quotidiano...

Desde o uso da razão, que lhe veio cedo, Zoé sempre se uniu a Deus por uma graça interior tão singular, que bem poderíamos considerá-la estranha a este mundo...



A pequena Zoé viu-se assim, de um instante para o outro, sem mais recursos de inspiração divina, tal como o rochedo marinho a receber nos embates da procela medonha em seu redor...

Passa-se um determinado período. Nesse interim, Pierre Labouré resolve separar-se de Zoé e de Tonine, suas duas filhas mais novas. Tonine é o nome familiar de Marie-Antoinette. Vão viver em casa de uma tia, Margueritte, em Saint-Remy, perto de Fain. Lá ficam dois anos. Em 1818 voltam para a casa paterna, talvez pela circunstância de Marie-Louise, a segunda dos filhos na ordem dos nascimentos, ter entrado a 22 de junho desse mesmo ano para a Casa das Irmãs de Caridade, em Paris...

Zoé estava agora com 12 anos. É a idade em que, nas aldeias, as meninas começam a trabalhar...

Bem, minhas filhas, vocês precisam de ajudar. A criada, entretanto, fará os serviços mais pesados.

Muito bem, papai. Eu combinarei tudo com Tonine, que só tem dez anos.

Não é, Tonine? Nós duas trataremos da limpeza, das costuras, do trato das galinhas e dos pombos!

Está bem! Eu posso ajudar muito!

De crescimento precoce, Zoé tinha-se tornado uma forte moça, muito ajuizada e decidida...

E tal como o prometera ao pai, a valente mocinha pôs-se em prática com as atividades da casa...

E mais do que isso...

Olha, Tonine, como o nosso serviço está adiantado, vamos ajudar a criada na cozinha!

Vamos, sim!

Mas a zelosa servicial sempre relutava bondosamente...

Ora, meninas! deixem isto para mim, que já estou habituada!

Como tem andado doente, nós queremos ajudá-la!

E Zoé logo tomava a iniciativa do trabalho...

Vamos preparar o almoço para o papai e para os trabalhadores que estão no campo. Eles são os mais necessitados de comida!

E você, Tonine, enquanto estamos aqui vá dar banho no nosso irmãozinho Augustin...

Vou, sim, Zoé!

E a diligente Tonine, que em muito assimilara os modos ativos da irmã mais idosa, corria a cumprir a ordem...

Em Fain, aquele tempo, não havia aula de catecismo. Só a dois ou três quilômetros de distância, na Matriz de Moutiers-Saint-Jean tinha lugar, todos os domingos, um curso de doutrina cristã...

E assim, mesmo nos domingos nada amenos de dezembro...



Vamos, Tonine, para não chegarmos tarde à aula de religião!

Chegaremos, sim, a tempo!
O serviço ficou pronto bem cedinho!
E fizemos tudo!
A casa ficou arrumada antes de sairmos!

E ao palmilhar por aqueles caminhos ásperos, Zoé deveria ir pensando como a vida material nada representava em face da imensa felicidade do amor de Jesus que ela iria entrever mais objetivamente na Igreja de Moutiers...

Zoé, apesar de sua natureza taciturna, jamais se separava de Tonine, gênio alegre e tagarela. Um dia...

Veja, Tonine, com que ternura Zoé abraça e acarinha a Virgem!



Naquele gesto de menina, órfã de mãe, procurava Zoé, sem dúvida, a consolação que a sua visão interior lhe fazia vislumbrar na Mãe de Jesus...

Chegara, afinal, o dia da Primeira Comunhão. A Igreja de Moutiers celebrava a sua festa a 25 de janeiro, em homenagem ao Pai dos Lazaristas, São Vicente de Paulo, que em 1617, nesse mesmo dia, fundara a Congregação da Missão...

Com os sinos repicando na tórre e as velas tremeluzindo no altar festivo, Zoé foi receber, com outras companheiras, o Sagrado Sacramento...



Como Zoé se mostra transfigurada! Nem parece estar na terra!

O comentário partia de Tonine que assistia à expressiva cena...

Em toda a aldeia não havia moças mais benquistas. Todos os habitantes de Fain as admiravam...



Como elas bem cuidam da casa! O pai delas só tem que administrar os trabalhadores do campo!

Mas os dotes domésticos não eram somente os citados. Quando em oração na igreja...



Com que fervor esta mocinha faz suas orações, bendito Deus!

Estranha ao ambiente que a cercava, porém, Zoé nem suspeitava da admiração que suscitava...

Pouco tempo depois, após um desses fervorosos êxtases com o Céu, Zoé abriu-se com Tonine...



Eu também quero ser freira! Entrarei para o convento, como Marie-Louise, nossa irmã!

O mal, a impureza, Zoé ignorava simplesmente. Era de total ingenuidade...



Zoé sempre conservou, até à morte, êsse peculiar atrativo pelas aves. A personalidade, porém, de Zoé era bem curiosa. Tática e de poucas palavras, ela se exuberava e manifestava ativa nas coisas divinas...

Eis como passa a desempenhar o seu dia comum.



É madrugada ainda, Tonine. Fica em casa, hoje. Eu vou à missa das seis horas.

Ah? Está mesmo escuro ainda! Está bem!

O lusco-fusco da manhã mal alumia os caminhos...



Quero assistir à missa das Irmãs de Caridade de Moutiers!



Cheguei a tempo, graças a Deus!



Vêde, Irmã! Parece um anjo em prece!

Após a missa, e na volta à casa, Zoé vai terminando mentalmente as orações de graça...



"Salve Rainha cheia de graça, o Senhor é convosco..."



Esta vai dar uma boa espôsa!

Bom dia!

O comentário justificava-se. As que tinham filhos casadoiros estimá-la-iam como nora. Zoé, insensível a tudo, respondia lacônicamente, abaixando a cabeça...

De novo em casa, ela dava início ao seu trabalho de todos os dias: tratar do irmãozinho, dar a ração às galinhas e pombos e cozinhar para os da casa, inclusive os trabalhadores da lavoura...

Quando percebia, pelas sombras das árvores, que o sol estava trazendo o meio-dia...



Depois, com seu passinho rápido e decidido, lá ia para o ponto onde os outros andavam na labuta...



Os trabalhadores eram uns doze ou quatorze. Ela era quem os avisava, de longe...



Os homens se chegavam de chapelões na mão. Enxugavam-se e cumprimentavam respeitosos. O pai de Zoé interessava-se por seus homens e perguntava...



Veio, sim! E se quiserem mais algum eu irei buscá-lo!

Sempre diligente, Zoé voltava para os amanhos caseiros e o preparo do jantar. Então, pelo fim da tarde, a cena do repasto repetia-se, mas agora no alpendre junto à casa de moradia...

Quantas vezes, à hora mesma em que as sombras da noite apontavam no vale, três badaladas se ouviam atiradas lentamente pelo sino de Fain! Outro, lá da torre de Moutiers-Saint-Jean, respondia o Angelus como num eco. Ao mesmo tempo, o carrilhão da Casa das Irmãs de Caridade fazia doce acompanhamento...

Então Zoé se afastava. Fugia para a sombra solitária de uma moita e, genuflecta, entrava em oração...



Aquêles momentos eram para Zoé uma escapada da terra. A sós com Deus e a Mãe de Jesus, ela mergulhava no mistério divino. O pai que a vira partir, chamava, paciente



Mas, notemos bem, o chamado do austero Labouré não era para levar Zoé ao cumprimento de obrigações irrealizadas àquelas horas. Nada disso. Por volta das quatro horas da tarde já todo o serviço caseiro estava terminado e em ordem. Casa e móveis limpos. Panelas reluzindo. Louça lavada e arrumada nos armários. Cada quarto preparado com asseio. Ovos retirados das poedeiras. Galinhas e pombos já servidos da segunda ração. Depois é que Zoé chamava a irmã e companheira e, ambas, iam rezar na Igrejinha de Fain...

Quem muitas vezes tinha razão de impacientar-se era Tonine...



Era preciso serem pontuais, para não contrariar o pai, que era Prefeito do Município de Fain...



Geralmente, àquela hora, Pierre Labouré lia e comentava "La Gazette de Paris"...



Depois do jantar, ao serão, todos se reuniam na sala. O pai reencetava a leitura do jornal, as filhas costuravam...



Aos domingos, infalivelmente, Pierre Labouré ia à missa. Como bom cristão, ele tinha em grande conta o cumprimento desse preceito religioso, a que emprestava uma certa solenidade, que a sua posição de "maire" bem justificava. Revestido de sua fatiota dominical, acompanhava-o as filhas, que, segundo parece, eram bem interessantes e o tornavam justificadamente envaidecido...

Certa vez — era uma sexta-feira — na volta da missa. Zoé disse a Tonine...

Hoje vou jejuar. Não comerei nada!

Mas tu não podes fazer isso! Só os maiores de 21 anos podem fazer jejum! Ainda és menor!

Não importa. Vou jejuar mesmo, de hoje em diante, às sextas e sábados.

Tu vais é ficar com fome! Vai te fazer mal!...

Tonine observara isto a sua irmã verdadeiramente apreensiva. Zoé, porém, encerrara-se em muda abstração e nada mais falou até casa...

Como avisara, Zoé, naquele dia e no outro seguinte, abstera-se de comer. O mesmo se estava dando na sexta-feira imediata quando Tonine...

Já estou ficando zangada contigo! Acaba com a mania dos jejuns! Ficarás doente!

Deixa-me!

Se não acabas com isso acabo contando tudo ao pai!...

Como queiras! Vai, mesmo!

A aflição de Tonine era sincera. Ela via a irmã suportando, calada, a grande prova e temia as conseqüências. Era, pois, pela muita estima que votava a Zoé que se achava na obrigação de tudo comunicar ao pai...

Então...

Sabe de uma coisa, papai, Zoé vai ficar doente!

Doente, como?

Sim, ela resolveu jejuar na sexta e sábado de cada semana...

Mas...

Ela trabalha muito e não vai poder resistir. Não acha que ela ainda não tem idade para jejuar?

Sim... Talvez...

O senhor Labouré ficou pensando. Éle próprio quase abraçara a vida religiosa. A filha mais velha, Marie-Louise, entrara para um convento. Zoé, porém, era ainda, segundo êle, uma criança. Não devia saber o que fazia...

Foi falar-lhe...

Olha aqui, minha filha! Que é isso de jejuar às sextas e sábados? É exato o que me disseram?

Sim, meu pai! É verdade!



Mas eu não permito semelhante coisa! Você trabalha, deve comer!



Zoé não fêz um único movimento com os lábios. Aguardou, respeitosa, que o pai terminasse e, pedindo licença, foi a seu serviço...

Mas a ordem do pai deixou Zoé em grande preocupação. Logo que pôde, ela se dirigiu ao quarto...

Santíssima Virgem, inspirai-me entre o dever de obediência ao meu pai e o desejo de servir a Deus com a maior pureza...



Deus deve ter inspirado Zoé naquele momento, pois que no outro dia e nos outros ela continuou com os jejuns. O pai não se preocupou mais com isso. Quanto a Tonine...

Zoé não mudou um pouquinho do que disse! Continua jejuando! O melhor é que também não perden a saúde que eu pensava! Melhor assim!



Tonine era, por essa época, também uma jovem desenvolvida e encantadora. Certa vez, ao virem do mercado...

Aquêles rapazes ali olharam para nós! São simpáticos! Não se me dava de ter um como namorado, e, depois, casar com êle!... E tu, Zoé?



Eu não me casarei nunca. Quando tu fores suficiente para a direção da casa, eu partirei...

Partirás? Para onde?



Com um gesto indefinido, Zoé encolheu os ombros. A pergunta ficara sem resposta...

Tanto era boa a saúde de Zoé que em 1822, estando ela com 16 anos, as duas irmãs combinaram dispensar a criada, que até ali as ajudara, para ambas fazerem o serviço de toda a casa...

Pouco tempo depois, como não podia deixar de ser, Pierre Labouré recebeu a visita de um respeitável chefe de família do município...

Pois é, meu caro senhor Labouré, muita honra me daria se Mademoiselle Zoé quisesse desposar meu filho...

Bem, se a mim me dá idêntico prazer, justo é que a principal interessada seja ouvida, meu amigo!



Que diz você, minha filha? O rapaz é de boa família e muito trabalhador!...

Meu pai... eu pretendo não me casar!



A resposta foi respeitosa mas firme. Pierre Labouré, que parecia esperá-la, corroborou-a meneando a cabeça para o desalentado vizinho...

Quem não se conformou foi a irrequieta Tonine...

Mas você rejeita esta esplêndida oportunidade? Eu, se fôsse você, aproveitava!

Eu já te disse, Tonine, que nunca me casarei...



Estou comprometida com Nosso Senhor.

Então te tornarás freira, mesmo?



Sim... sim... minha querida Tonine!...



Outros pedidos de casamento se sucederam e todos eles foram recusados. Zoé nem tomava conhecimento da qualificação dos candidatos...

Estávamos já em 1825. Zoé fizera dezenove anos e ostentava um belo rosto oval em que os olhos azuis e suaves eram o maior encanto de sua personalidade. Naquela idade, ela o declarara, só uma coisa ambicionava — viver em "união com Deus". Zoé, porém, ainda não tinha bem compreendido como conseguiria atingir o seu ideal...

Um dia ela sonhou...

Dominus vobiscum!



A missa chegara ao fim. O bom padre dirige-se então para a sacristia e, nesse momento...

Segue-me!

Oh, não!



Amedrontada, Zoé foge apressadamente da Igreja. No mesmo instante, depara-se a tratar de uma pobre enferma...

Eu vim saber por que fugiste, minha filha, e verifico que tratas com carinho dessa doente! É uma boa obra dedicarmos nossa vida aos doentes!

Hoje tu me fugiste... mas um dia virás ao meu chamado! Deus te reserva um grande papel na vida! Não te esqueças disto!

O padre esvaneceu-se no sonho e, no mesmo instante, Zoé despertou. Aquêlê vaticínio impressionou-a favoravelmente. Decidiu que se tornaria religiosa. Esperaria sòmente a ocasião propícia...

Em 1828 Tonine tinha vinte anos. Zoé lembrou-lhe o que já tinha conversado vèzes sem conta...

Tonine não respondeu. Já se habituara ao caráter persistente da irmã. Olhou sòmente para ela e abaixou a cabeça...

Embora comovida, Zoé resolutamente se aproximou do pai...

Agora já podes tomar a direção da casa, Tonine. Eu quero ir para o serviço do Senhor!

Falarei a nosso pai! Èle tem que se conformar!

O senhor sabe por que eu sempre me recusei ao casamento?

Não, Zoé! Talvez fôsse porque nenhum dos rapazes te agradasse! Eu compreendo!

Não, meu pai! Sòmente porque eu me preparava para entrar numa congregação religiosa!

Oh! Isto é demasiado para mim, meu Deus! Já sofri com a perda de uma filha! Agora é a outra que me quer deixar!

Isso é coisa diferente, filha! O casamento não te separaria de nós. Tu nos visitarias e nós faríamos o mesmo! Ao passo que, uma religiosa...

Como? Será que tu me irás deixar também? Tal como tua irmã mais velha, a Marie-Louise?

Mas, meu pai, se eu me casasse não o deixaria também?

Pierre Labouré estava verdadeiramente fora de si. O seu amor de pai — que uma dose grande de egoísmo não permitia transigir! — tornara-o intolerante...



Repara no que aconteceu com tua irmã. Ela lá se foi para Castelsarrasin! Dar outra filha para isso, não! Eu recuso minha autorização!...



Bem... meu pai, o senhor não quer a minha felicidade! Que Deus me valha!...

Qual seria a congregação religiosa em que Zoé pensava? Provavelmente a das Irmãs de Caridade, que ela conhecia e freqüentava em Moutiers-Saint-Jean, no asilo dos velhos.

Se o drama de Zoé não era pequeno, o de seu pai não era menor! Pierre Labouré amava sua filha! E, por muito a amar, lhe negava a separação, que a perspectiva de a ver internada num convento o afligia...



Saiu a espáreecer pelos campos da sua herdade. A tarde morria com o sol aproximando-se do horizonte...

Apesar de tudo, não me pesa a consciência de ter tirado a Deus a minha filha! Mesmo sem se tornar freira ela poderá ser uma boa cristã!...



Uma hora se passara! Embaraçosas reflexões perpassavam pela mente algo rude e simples de Pierre Labouré...

Ela precisa mudar de meio. Isto aqui é uma aldeia muito tacanha! Zoé precisa de se distrair!...



Levantou-se. Pareceu-lhe que suas idéias iam-se encaminhando para uma solução satisfatória...

Sim! Irá para Paris! Charles tem lá um restaurante e ela bem que o pode ajudar!



Charles era o quinto dos filhos. Para junto d'êle é que o velho decidira enviar Zoé. Pierre Labouré, homem de poucas reflexões, logo advertiu a filha...

Você precisa conhecer o mundo. Vou mandá-la para casa do Charles. Assim conhecerá Paris!...

A ordem em tom imperativo não admitia réplica. Pierre Labouré era homem de vontade firme. Do mesmo modo, àquele tempo, as filhas não objetavam a vontade dos pais. Que remédio tinha a pobre senão obedecer?...

Pelos fins de 1828 (outubro ou novembro) Zoé estava em Paris. A flor mística, a cândida donzela de Fain-les-Moutiers foi servir às mesas de uma casa de refeições, onde os frequentadores não primavam pela educação. Operários e gente grosseira eram os habituais freguêses...



Oh, lá lá!
Bonita moça!
De onde veio
esta beleza?

Cala-te! Não sabes
que ela é irmã
de m'sieur Charles,
o dono da loja?

Fácil é calcular como o espírito de Zoé sofriria. A boa camponesa fazia-se respeitar, porém seu espírito apelava para o Céu...



Eu não posso continuar aqui!
Meu Deus, amparai-me!

Em seu quarto, à noite, as lágrimas lhe corriam nas faces, abundantemente. Charles surpreendeu-a nesse estado e...

A lembrança de Charles tinha sua razão. Já, por várias vezes, Zoé se lamentara...

Acho que deve ir para casa de Hubert! Isto aqui não é lugar para você, minha irmã!

Eu não gosto de Paris!
É uma cidade barulhenta e inquieta!
Preferia...

Preferia o quê? Você sabe que nosso pai não quer que vá para convento algum! Foi isso o que ele mais me recomendou!...



Sim... talvez em Châtillon-sur-Seine...



Bem, ao menos, lá, talvez eu me sinta melhor!...

Mas Charles era sensível ao sofrimento da irmã...

Irás, sim, para casa dele. Hubert foi melhor educado do que nós. Ele é oficial do Exército. Tem casa decente. Além de que sua esposa é uma senhora fina e instruída!...

Hubert, o mais velho dos irmãos Labouré, assentara praça cedo e saíra oficial. A mulher era diretora de um colégio onde as famílias nobres da região educavam suas filhas. Foi, pois, para um ambiente destes que Zoé se transferiu em fins de 1829...

As coisas melhoraram, pois, para Zoé. Ela, porém...

Gostaria bem, meu Deus, de morar num lugar mais modesto do que este!



Para maior felicidade, Jeanne Goutard, a digna cunhada, estimava sobre- modo Zoé...

Aprecio muito os seus modos, querida! Você irá também frequentar as aulas. Nós queremos que você se instrua e aprenda as regras da sociedade!

Quem, porém, estranhou aquela camponesa robusta, de grandes olhos azuis, foram as demais alunas...

Você já reparou na nova pensionista? Ela é bem bonita!

Sim, bonita, mas muito arredia! Só olha para o chão e foge para longe de todos!

E muito burrinha, também! Sei que é quase analfabeta!

Tôdas zombavam da pobre camponesa, que, resguardada na sua aparência fria, só rogava a Deus que lhe iluminasse a existência...

Madame Jeanne Goutard logo tudo compreendeu. Como verdadeira amiga de Zoé providenciou...

Querida, você terá uma professora particular. Praticará leitura e escrita.

Que Deus lhe pague tudo quanto fizer por mim!

Data dessa ocasião uma carta que Zoé escreveu à irmã mais velha, Marie-Louise...

Ela, que é Superiora das Irmãs de Caridade, da Casa de Castelsarrasin, me dará os conselhos de que preciso...

Castelsarrasin ficava para o Sul da França.

Apesar disso, a resposta não tardou. Marie-Louise, em uma longa carta, retratou, como numa maravilhosa pintura, o espírito que deve presidir a vida de uma verdadeira Irmã de Caridade...

Depois de haver comparado a religiosa ao militar que nos tempos da paz velava pela segurança do seu posto, dizia que a Irmã de Caridade se assemelhava ao soldado que enfrentava o inimigo no campo de batalha. E terminava.

Desejo que passes algum bom tempo em casa de nossa boa cunhada, conforme ela me pediu. Sei a tua profissão, e como ela se aplica às tuas a tua educação, o que é uma necessidade em todas as condições da vida. Aprenderás a falar um francês mais bonito do que o da nossa aldeia. Estudarás a leitura e a escrita, e aplicarás no trabalho, na piedade e no amor dos pobres.

Esta admirável carta muito aliviou o espírito impaciente de Zoé.

A aflição que a acompanhava desde a casa de seu pai em Fain-les-Moutiers terminou.

De novo lhe renasceu a esperança de poder entrar em uma comunidade religiosa...

Passam-se alguns meses.
Certo dia,
Zoé sai
para visitar
uma Casa
de Caridade
dirigida
pelas Filhas
de São Vicente
de Paulo,
lá mesmo
em Châtillon,
na Rue Haute-
Juiverie...

No Parlatório, enquanto aguarda a Superiora, com quem deseja falar, tem uma surpresa...



Zoé, admirada, descobre que no quadro dependurado da parede há uma figura que ela já vira...



Sim... os lábios que me disseram:
"Hoje tu me fugiste...
um dia virás ao meu chamado!
Deus te reserva um grande papel
na vida! Não te esqueças
disto!"



Irmã, quem é aquêlê
padre, ali?



O arrebatamento
sofrido
pela jovem
foi imenso.
Ela sentiu-se
como que
norteada
para o destino
que sua vocação
escolhera.
Uma paz
inefável
iluminou-lhe
a alma
e confortou-a
de tôdas
as amarguras
passadas...

A recém-vinda
era a Irmã
Sejole, auxiliar
da Superiora.
Foi esta Irmã,
bem jovem
ainda, por sinal,
que pela
bondade de sua
fisionomia
removeu
a barreira
de timidez
que Zoé ainda
alimentava.

Com o semblante sério, Zoé lhe
contou a sua história...



Oh, porque meu pai a isso
se opõe e eu não tenho coragem
de lhe desobedecer!



O Padre Prost, que era o vigário da paróquia de Châtillon, ouviu-a, depois, em confissão...



Sim, o quadro que eu vi no Parlatório tinha a mesma figura...!

Eu creio que o que vos apareceu em sonho foi São Vicente de Paulo, a vos chamar ao serviço religioso!

Desde esse momento desapareceram para Zoé os últimos escrúpulos que a impediam de desobedecer às ordens do pai. Iria ser freira mesmo. Passou a amudar as visitas ao asilo de Châtillon-sur-Seine...

Apesar de introspectiva, Zoé logo simpatizara com a Irmã Sejoie que, por isso mesmo, intercedeu com a Superiora...



Irmã Cany, eu vos afirmo que ela é uma autêntica vocação! Deveis receber Zoé como postulante!

Bem, que ela traga o consentimento do pai e a aceitaremos.

De novo se estagnara o problema no ponto morto das dificuldades: o consentimento de Pierre Labouré! Mas o que as lágrimas de Zoé não conseguiram pôde consegui-lo a esposa de Hubert. A digna senhora exercia manifesto prestígio, pela situação em que se achava, junto ao pai de Zoé. Além disso, lá em Fain-les-Moutiers, Tonine fazia maravilhas para substituir a irmã no arranjo da casa. A situação era outra...

Madame Jeanne Goutard escreveu ao sogro...



Vamos ver, minha filha, o que seu pai responderá a esta carta. Eu o convencerei!

Nossa Senhora faça por o convencer!...

A idéia de Zoé entrar para um convento já não pareceu, para o velho caturra, coisa demasiado cruel. Tanto que sua carta de resposta assim terminava...



... que ela faça o que quiser, contanto que saiba que eu não darei um "sou" para o enxoval!...

Na realidade, êle não entrou com um vintém para o dote...



Não faz mal, minha querida. Eu pagarei o que fôr preciso...

Mas, são seiscentos e setenta e dois francos só para o dote! É muito dinheiro!...



Tudo se arranjará, querida! Eu resolverei!...

Apesar de ser uma importância considerável para a época, Jeanne Goutard tudo pagou e, mais do que isso, providenciou zelosamente o enxoval constante, aliás, de poucas roupas facilmente acomodadas em uma reduzida mala...

Assim, no dia 22 de janeiro de 1830, logo cedo, Zoé encaminhou-se para o asilo de Châtillon. Acompanhava-a a incansável cunhada e um criado desta, que transportava a modesta arca do enxoval.



Haviam chegado, naquele momento, em frente ao asilo. Zoé olhou a casa, impassível, e disse, transfigurada...

Vou, enfim, deixar este mundo, para o qual não nasci!
Vou para Quem devo amar pela vida eterna!



No Parlatório tão seu conhecido, Zoé encarou o quadro que tinha decidido de sua vocação... Todo um mundo de recordações lhe perpassou pela mente...

Então, Irmã, vindes para o postulando?

Sim! Sim! Venho buscar a paz que não tive lá fora!



Madame Goutard retirou-se. Cumprira-se a sua piedosa missão. Entretanto, a Irmã Sejole aproveitou a ocasião para logo ir instruindo a recém-chegada...

Tereis de quatro a seis meses para provardes a vocação à vida religiosa. Nesse interim, se o desejardes, podereis...



Zoé foi instruída nas obrigações a que tinha de ater-se. Vestir-se de modo simples, pois que o hábito das noviças só mais tarde lhe seria imposto: levantar-se às quatro da manhã para a oração em comum; assistir à Missa e à Comunhão; e fazer os exercícios piedosos ao fim da tarde...

Um dos capítulos das Regras das Irmãs de Caridade assinala.

"As que forem admitidas às aulas de leitura e escrita poderão fazê-lo em meia hora diária, depois do meio-dia, ou noutro momento qualquer, a juízo da Superiora, desde que não fiquem prejudicados os outros trabalhos de obrigação; igualmente elas se entregarão de tal sorte ao estudo de forma que o possam interromper, ou até suprimi-lo, sempre que o serviço de assistência e caridade aos pobres o exija."

Pois dentro de todas estas limitações, a Irmã Sejole conseguiu que Zoé se exercitasse suficientemente na leitura e na escrita. Em três meses Zoé mostrou que não era o espírito mediocre que muitas pessoas julgaram. Em tão reduzido tempo mostrou sensíveis progressos literários...

Terminados os meses de postuladato, Zoé partiu para o Seminário da Comunidade em Paris...



A ampla e austera porta da Rue du Bac n.º 140 se lhe abriu a 21 de abril de 1830...

Acompanhava-a a Irmã Hinault, a antiga Superiora de Châtillon, que, idosa e enferma, ia passar ali a viver como aposentada...



Enquanto tu, minha filha, irás aqui iniciar o teu noviciado, eu...

Sim, Madre, mereceis descansar um pouco.

Ainda revestida do traje regional da Borgonha, não foi sem emoção que Zoé transpôs o limiar da Casa-Mãe das Irmãs de Caridade. Ali vivia, à época, um exército de cento e cinquenta Irmãs, incluindo noviças e Irmãs inválidas. Daquele dia em diante, Zoé perdeu o seu breve e simpático designativo familiar. Passou a chamar-se anonimamente a Irmã Catarina Labouré. O hábito escuro das noviças substituiu-lhe os vestidos normais que havia trazido de Châtillon-sur-Seine... Ela chegara, porém, num período de intensa alegria para a Igreja, e, sobretudo, para a Comunidade. Realizavam-se as pomposas cerimônias da trasladação das relíquias de São Vicente de Paulo, ocultas durante a revolução que tanto sacudira a França...

Um relicário de prata foi transportado por uma coluna de algumas dezenas de sacerdotes. Quase um milhar de Filhas de Caridade formaram o cortejo imenso em que o Núncio, Bispos e Arcebispos de tôdas as partes, autoridades e povo, conduziram para a Capela dos Lazaristas, na Rue du Sévres, os preciosos despojos do Santo Fundador da Congregação dos Padres da Missão...



As imponentes cerimônias sucederam orações que se prolongaram por uma novena a que as noviças compareceram. Tais fatos deram a Catarina a mais suave das inspirações...

Num dos dias, de volta à Casa-Mãe, ela correu à capela e orou...

Meu Pai São Vicente, rogai ao Senhor as graças do Céu para os Padres da Missão, para as Irmãs de Caridade, vossas diletas filhas, e para a França!



Fazei, querido Santo, que eu consiga também as graças que me são necessárias, ensinando-me a rezar com verdadeira fé!



Catarina fazia aqueles apelos em viva aflição! A ela lhe parecia que todos estavam em grande necessidade de preces!...

Em no dia seguinte, de volta mais uma vez de Saint-Lazare, onde se realizava a novena...

Não sei o que prevejo. Parece que o bondoso Pai São Vicente se encontrará comigo lá na Capela da Comunidade. Eu sentirei grande consolação em vê-lo...



Então, no pequeno retábulo em que as relíquias do Santo estavam expostas...

Oh! O coração de São Vicente está branco, cor de carne!



Ele anuncia a paz, a calma, a inocência e a união.

Ao espírito singelo de Catarina estas palavras nada significavam. Ela as tomou como se fôra uma resposta de si para si mesma...

Ao outro dia, na volta mesma da novena...

Hoje ele está vermelho, como de fogo!



É para acender a caridade nos corações. A Comunidade se renovará e estenderá por todo o mundo!

Finalmente, no dia seguinte e na mesma circunstância...

Meu Deus! Que tristeza! Ele está vermelho-escuro!...



Dias sombrios virão para a França, cujo Governo será deposto!

De tudo isto nada entendia a Irmã Catarina. Logo que pôde, ela se abriu com o Padre Aladel, seu confessor...

Em nome de Deus explicai-me, se podeis, o mistério destas coisas!

Tende calma, Irmã. Afastai de vós esses pensamentos. Nada vos servem.



Catarina saía da confissão inteiramente submissa. Sua consciência estava tranqüila de que o que revelava era pura verdade...

No caminho do claustro uma voz interior, a mesma voz que lhe falara antes, dizia-lhe...

O coração de São Vicente está bastante aflito com o que vai acontecer à França!

Meu Deus!... Meu Deus!...



E no último dia da novena...

O coração do Santo está agora num belo vermelho!

Ele está um pouco menos aflito, como vês...



... porque Maria conseguiu de Deus que os ramos de sua Família não sofressem com os males que irão cair sobre a França e que, pelo contrário, eles iriam revigorar a fé!



Tôdas estas revelações maravilhosas foram comunicadas ao Padre confessor. O espírito da noviça não podia deixar de se abrir ao ter de purgar a consciência. Contudo ela guardou silêncio perante as companheiras. A família mesmo deixou de escrever. Sentia uma vontade imensa de se isolar e viver para a emoção desse estado inédito em que mergulhava o espírito. Além do Padre Aladel, ninguém soube das graças celestes que estavam sendo concedidas a Catarina. O Padre Aladel, jovem e pouco experiente, não atinara com o vaticínio político das revelações. Só mais tarde ele as interpretaria: o que logo compreendeu, porém, foi que essa Irmã, apesar de bisonha, era um tesouro concedido por Deus à Família de São Vicente...

Daí em diante os êxtases de Catarina passam a ser constantes. Tanto assim que, certa vez...



Era a Diretora das noviças, que já compreendia como Catarina se deixava absorver no espetáculo das visões do Céu, caindo em contemplações que a faziam ausentar deste mundo...

Quase todo o tempo do noviciado ela recebia graças como estas...



Então nessas omissões de fé surgia o inesperado para a jovem...



Êstes grandes favores celestes continuaram quase que diariamente. As exceções foram aquelas em que a noviça se julgava indigna de tais graças, e temia estar sendo enganada nos seus rústicos sentidos de aldeã pouco esclarecida...

Não era impunemente que o Padre Aladel, com a sua prudência algo exagerada lhe recomendava boas cautelas na imaginação! Passara-se todo o mês de maio de 1830. No primeiro domingo de junho, dia 6, portanto, à hora mesma do Santíssimo Sacramento...



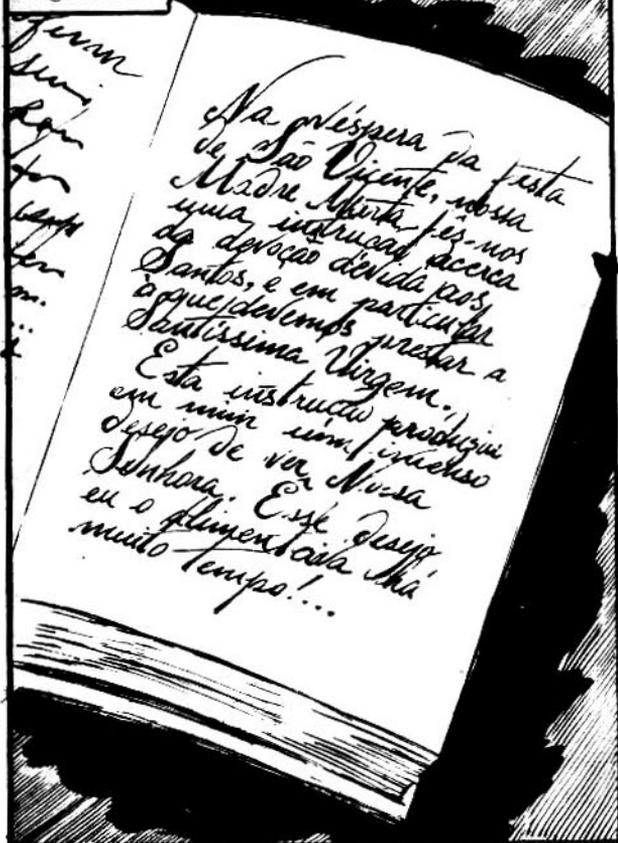
Naquele momento, Catarina observava que a cruz de ouro que Cristo ostentava no peito divino havia caído ao chão! Igualmente, tôdas as insignias reais que O cingiam tinham rolado por terra....

Ele perdeu a coroa e todos os adereços de Sua realeza! Senhor! Senhor! Que pretendem fazer conosco? Que grandes males estão para vir sobre nós?



A rude aldeã era por demais simplória para ter discernimento da fermentação política por que então passava a França. Ela exclamara a sua surpresa ante a visão triste com uma inteligência superior ao seu raciocínio comum...

Todo o documentário destas infinitas graças nos ficaram em escritos mandados fazer, mais tarde, pelo Padre Aladel. Vejamos o que Catarina nos diz do que lhe aconteceu na noite de 18 para 19 de julho de 1830, em determinado ponto desses registros...



"Como havíamos recebido pedacinhos de uma peça do vestuário de São Vicente..."



"Insensivelmente cortei um pequenino bocado do pano e engoli-o. Senti uma felicidade muito grande e roguei..."



"Fui deitar-me com o pressentimento de que nessa noite eu me avistaria com a minha boa Mãe. Então adormeci..."



"Afastei a cortina e vi um menino de quatro a cinco anos, que me chamava..."



"Logo me lembrei que podiam estar ouvindo, visto que falávamos em tom normal. O menino, porém, respondeu..."



"Vesti-me rapidamente. Então me dirigi para o lado onde se achava o menino, que era junto à cabeceira do meu leito. Eu o segui..."



"As luzes, por onde passávamos, estavam acesas..."



"Maior, porém, foi a minha surpresa quando se me depararam acesas tôdas as luzes da capela..."



"Contudo, eu não via a Virgem Santíssima. O menino, que compreendera o meu pensamento, disse-me..."



"Aí, eu me ajoelhei. O menino ficou de pé ao meu lado. Os minutos de espera foram uma eternidade! Eu me pus a olhar para a tribuna com apreensão..."



"Súbito, o menino me avisou..."



"Ouviu-se um leve roçar como de vestido de seda, vindo dos lados da Epístola, perto do quadro de São José..."



"Nesse momento, eu me sentia impossibilitada de compreender o que se passava dentro de mim. Parecia-me que não estava capacitada para encarar a Santíssima Virgem..."

"Então o menino se dirigiu a mim. Falou-me, não com a voz com que até ali me falara, mas com palavras de um homem feito..."



"Foi desde esse momento que eu consegui ver a Boa Mãe! Dei um salto e..."



Então...



Minha filha, Deus te encarregará de uma grande missão. Isso te atormentará e fará sofrer, mas se tiveres confiança e te inspirares em orações, tudo vencerás. Os tempos são maus. Virão desgraças sobre a França. O trono será derrubado. O mundo será revolvido por desgraças imensas...

Eu gosto de derramar minhas graças sobre a Comunidade. Amo-a com ternura. Ela, porém, me faz sofrer com os grandes abusos que nela se cometem. A Regra não é observada, a regularidade não é perfeita. Há grande relaxamento. Comunica isto a quem está encarregado da tua direção espiritual. Embora ele não seja o Superior, ele será contudo incumbido de fazer com que todas estas coisas se cumpram.

Dize-lhe, em meu nome, que se proibam as más leituras e a perda de tempo com visitas. Logo que a observância da Regra voltar a ser praticada, uma outra Congregação virá se reunir à tua. Não é conforme o costume, mas eu muito amo esta Congregação. Dize-lhe, pois, que a receba. Deus abençoará a união das duas Comunidades e haverá grande paz.

Vão acontecer grandes desgraças. Deus e São Vicente estarão convosco, porém. Nessa ocasião eu mesma vos ajudarei. Conceder-vos-ei minhas graças. Virá um momento em que tudo parecerá perdido, mas eu vos ajudarei. Não será, porém, a mesma coisa com as outras Comunidades. O clero de Paris contará muitas vítimas, o senhor Arcebispo perecerá. A Cruz será desprezada, o sangue correrá nas ruas, todo o mundo mergulhará na tristeza.

"Não sei quanto tempo fiquei junto à Virgem. Sei, apenas, que quando Ela se esvaneceu notei que alguma coisa etérea se afastava, como uma nuvem, em direção da tribuna, pelo mesmo caminho de onde havia vindo..."

"Levantei-me. O menino, que estava onde eu o deixara, disse..."



"Voltamos para o dormitório. As luzes continuavam acesas. O menino caminhava à minha esquerda. Quando cheguei ao leito, eram duas horas da madrugada. Não pude mais dormir!"...

E quando se dará tudo isto que Nossa Senhora me contou?

Tudo se realizará num prazo de quarenta anos!



A realização da primeira destas profecias veio logo na semana seguinte. A 27 de julho...



Que é que há lá para o centro da cidade, meu amigo?

Ora, muito simples. O povo está em armas contra o Rei Charles. Ele dissolveu a Câmara e ninguém se conforma. Vive la France!...

No convento da Rue du Bac quem mais se mostrava impressionado com os acontecimentos era o confessor de Catarina...

Não há dúvida alguma, Padre Étienne. A Irmã Catarina tudo isto previu!

Tendes razão, Padre Aladel. Deveis estudar o caso de vossa penitente.



'Para quem sabe o que aconteceu na França, após a queda de Napoleão, deve ter bem na memória os fatos que se sucederam. Ele lembrará que os franceses admitiram os reinados de Louis XVIII, primeiro, e o de Charles X, depois, cuja natureza parecia assegurar uma relativa paz. Mas a sublevação do povo de Paris levou este último ao exílio. Era o princípio dos "dias maus" anunciados a Catarina...

Dois dias de tumultos puseram em aflição as congregações religiosas...



Há Igrejas profanadas por toda parte!

E os sacerdotes são perseguidos e maltratados!

Entretanto, como lhe fôra ordenado, Catarina comunicara ao Padre Aladel a mensagem recebida. De novo, o sacerdote ponderou à jovem noviça que pusesse de lado essas por ele consideradas alucinações. Catarina, obediente, calava, guardando de todos quantos a cercavam o seu infinito mistério...

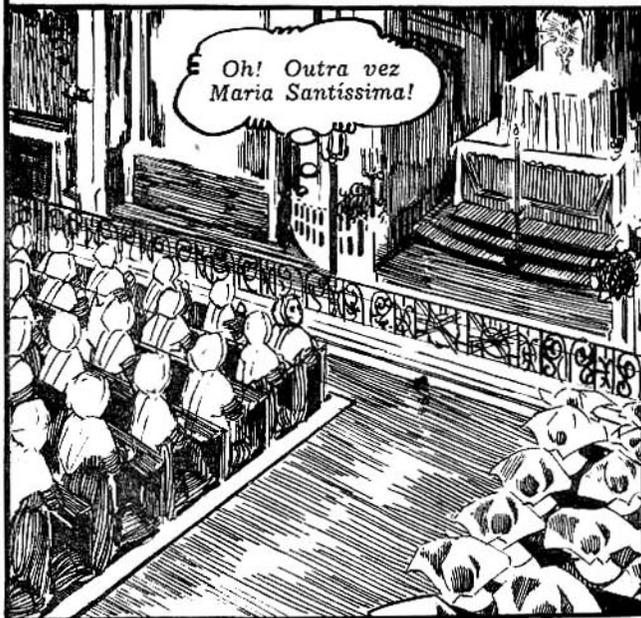
Como não podia deixar de ser, a serenidade exterior de Catarina ocultava-lhe o drama íntimo.

A Virgem Santíssima anunciara-lhe uma missão, mas não lhe avisara quando isso seria feito nem de que espécie se revestiria essa incumbência celeste. Seu dever era aguardar...

Foi o que fez. E ela o relata em seu escrito: "O dia 27 de novembro de 1830 era um sábado. Cinco e meia da tarde, depois da leitura de meditação..."



Súbito... "À altura do quadro de São José..."



"Enquanto eu me embebecia em contemplá-la, a Santíssima Virgem abaixou os olhos, fixando-os em mim..."



"De repente, percebi anéis nos seus dedos, engastados de brilhantes pedrarias. Eram umas maiores e mais belas que outras, e de cujas saíam intensos raios. Esses raios iam-se alargando, à medida que desciam, a ponto de não me deixarem ver os pés da Virgem..."



Súbito, apareceu um dístico em tórno da Santíssima Virgem, cujas letras em ouro diziam...

Ó MARIA, CONCEBIDA SEM PECADO, ROGAI POR NÓS QUE RECORREMOS A VÓS!



Faze cunhar uma medalha conforme este modêlo. As pessoas que a trouxerem ao pescoço receberão muitas graças. As graças serão abundantes para os que a trouxerem com inteira confiança.

A seguir, formara-se como que uma medalha de forma oval, com a Virgem ao centro, onde sobressaía um arco com uma jaculatória em letras de ouro...

A MEDALHA MILAGROSA



ANVERSO



REVERSO

A medalha assim sugerida havia girado sôbre si mesma e mostrara-se na outra face...

O simbolismo daquele lado da Medalha, porém, deixou Catarina inquieta. Ela não o compreendera. Então...



O M e os dois corações dizem-no com suficiência.

Entretanto, terminado o período do Seminário, recebera a Irmã Catarina o hábito das Filhas de São Vicente, em janeiro de 1831. Tinha ela vinte e quatro anos quando passou a usar a famosa "cornette" de imaculada alvura. Fôra Catarina designada para o serviço da cozinha no Asilo de Enghien, em Paris, casa destinada a recolher a velhice desamparada. Desde 27 de novembro do ano anterior, data da revelação da Medalha, até à ida para o seu novo pôsto, várias vêzes a Virgem aparecera à jovem Irmã, que sentia o desespêro de não ser compreendida por quem tinha a sua direção espiritual. Passam-se os meses e os desejos da Virgem não se realizavam.

Um dia, na hora mesma que sucede à meditação...



Bem vêdes, Senhora, que meu confessor não me acredita!

Fica sossegada. Ele fará o que eu desejo.

Catarina correu ao Padre Aladel. Este ouviu-lhe a nova revelação e refletiu...

Se a Virgem está descontente, não é por causa da Irmã, que nada pode fazer. É, pois, então, comigo!



Nasce daí, dos começos de 1832, a ação decisiva do Padre Aladel. Uma visita fortuita ao Arcebispo de Paris leva-o a confiar-lhe a história das aparições e a pedir-lhe conselhos. O Arcebispo aprova, e a Medalha é cunhada em junho desse ano. A sua difusão foi celebrada com a confirmação de numerosas curas. As conversões, de tão estupendas, fizeram com que o Arcebispo ordenasse, em 1835, um inquérito canônico acêrca de tôdas as aparições, origem e efeitos da Medalha, que passou a chamar-se a "Milagrosa"...

Há o quer que seja de extraordinário no número de Medalhas obtidas. Só no espaço de quatro anos, de 1832 a 1836, declarou Vachette, o fabricante, que vendera dois milhões delas em ouro e prata, e dezoito milhões em cobre! Onze fabricantes de Paris venderam outras tantas! Em Lyon quatro cunhadores venderam o dôbro, fora as que se fabricaram em outras cidades da França e do estrangeiro!...

Ao mesmo tempo...



E como vai, Padre Aladel, o seu livro da Notícia da Aparição?

Desde a primeira edição até hoje, dois anos decorridos, já foram feitas sete, não entrando nesta conta as edições estrangeiras! É outro autêntico milagre!

Em Roma, os Gerais das Ordens religiosas apressaram-se em difundir o uso da Medalha por tôda parte...

O próprio Pontífice Gregório XVI a colocou junto do seu crucifixo...

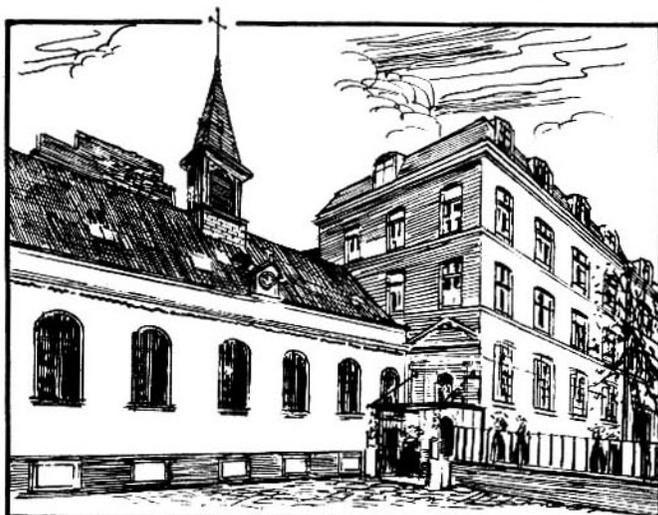


... e a deu a muitas pessoas como sinal particular de sua benevolência pontifical...

Eis como falou a Santa Sé no officio litúrgico da Festa da Manifestação da Medalha...

"Os acontecimentos manifestaram que a ordem de cunhar a Medalha vinha verdadeiramente do Céu. Logo que foi conhecida, os fiéis, à porfia, começaram a venerá-la e a trazê-la como testemunho de devoção muito agradável à Mãe Santíssima, primeiramente em França, depois, aprovada pelos Bispos, no universo inteiro. Dia a dia foi crescendo este respeito e confiança para com a Virgem que, por meio da Medalha, operava muitas maravilhas, já curando as enfermidades do corpo, já convertendo os pecadores, tirando-os do lodaçal dos vícios."

Anônima, em seu hábito de Filha de Caridade, Catarina era agora uma das Irmãs encarregadas dos rudes serviços da cozinha da casa de Enghien...



Ela ali iria ficar até à sua morte...

O estabelecimento era um amplo casarão que albergava velhinhos inválidos. Comunicava com jardins e outros edifícios que davam para a Rue Reuilly, onde tinha o n.º 77...

Sabe-se como a Virgem mandara que Catarina não divulgasse o ocorrido, senão ao Padre Aladel, seu confessor. Então...

Para ser completado o Inquérito Canônico das Visões, a Irmã Catarina deve de comparecer perante a autoridade eclesiástica, a fim de declarar quanto diga respeito à Medalha Milagrosa!



Impossível, senhor Padre Promotor. Há um ano que peço à Irmã tal coisa. Ela se recusa. Penso mesmo que perdeu a memória de tudo o que com ela aconteceu!

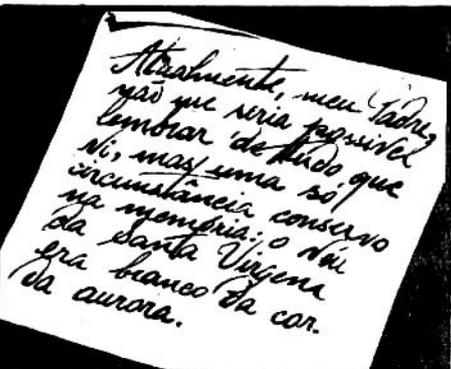


Nesse mesmo ano, 1836, o artista Lecerf fora encarregado de pintar um quadro representando a Visão da Medalha...

Mas... de que cor era mesmo o véu de Nossa Senhora?



A carta partiu. Perguntava a Catarina sob que aspecto a Santíssima Virgem lhe havia aparecido. A resposta, concisa mas respeitosa, voltou nos seguintes termos...



Catarina respondera justamente o pormenor que interessava ao Padre Aladel. Como explicar, senão pela intervenção divina, o mistério da amnésia a que Catarina era submetida nessas ocasiões?...

Anos depois, a Irmã Catarina passara para o serviço da rouparia...

Ah, minha filha, Deus é bem bom para comigo. Dá-me energias para o trabalho.



Isso não é castigo. Nessas ocasiões é que eu me ponho em melhor contato com Ele.



Certa vez, uma jovem Irmã perguntou a Catarina...

Como fazeis vossas orações?



Já muito velha, Catarina assistiu à confirmação de outra de suas visões. Após quarenta anos, 1870, a guerra Franco-Prussiana consumara em Sedan a profecia de 1830, com a derrota da França e posterior tomada de Paris... "Os tempos maus" e a "derrubada do trono" repetiram-se...

No ano seguinte, eclodira a dolorosa época da Comuna. Na Sexta-Feira Santa (7 de abril de 1871), um grupo revolucionário penetrou na Casa das Irmãs transformada em hospital de sangue...



Êh! Abram essa porta!

Eu abro, meus filhos. Não precisa violência. Esta Casa é de Deus.

A tormenta daqueles períodos sangrentos fizeram com que a Superiora, Irmã Dufès, ordenasse às suas pupilas, entre as quais se achava Catarina, o abandono das Casas de Reuilly e de Enghien...

Antes de partirem, porém...



Virgem Imaculada, protegei-nos e reconduzi-nos quanto antes a esta nossa querida residência, a fim de que possamos concluir o Vosso sagrado mês!

Ao atravessarem as ruas de Paris sofreram vexames da população, mas outro mal não lhes aconteceu. Ficaram recolhidas em uma Casa de Balainvilliers. A 18 de maio os revoltosos haviam cometido toda sorte de sacrilégios...

Ao saber que a Igreja de Nossa Senhora das Vitórias havia sido depredada, Catarina exclamou...



Vêdes, Irmãs? Eles não irão longe! Tocaram na Santíssima Virgem! Isso foi a sua desgraça!

Assim foi. A 30 desse mês, já Catarina estava com as companheiras, de novo, nas suas Casas de Paris...

Logo que entrou o ano de 1876 Catarina teve o prenúncio de sua morte. Em setembro e outubro passou a sair poucas vezes do leito. Em novembro, milagrosamente, foi até à Casa da Rue du Bac fazer o retiro anual naquela sua capela tão querida das Aparições. Acessos de tosse e asma passaram a compungir-lhe a existência...

No domingo, 31 de dezembro, várias síncofes a deixaram como morta. Recebeu os últimos sacramentos. Depois...



Irmãs, recitem-me a Ladainha da Imaculada e repitam três vezes a invocação: "Terror dos demônios, rogai por nós!"... Minha cara Comunidade!... Minha querida Casa-Mãe!...

Nunca vi morte tão suave!

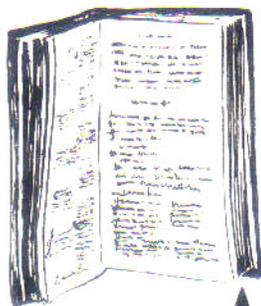
Catarina falecera aos 70 anos. Quarenta e sete ela os passara a serviço do Senhor desde o seu ingresso na Casa das Irmãs de Caridade em Châtillon-sur-Seine. A 2 de dezembro de 1907 recebia o título de Venerável. Todavia, como glória suprema, Sua Santidade Pio XII inscreveu a Bem-aventurada no catálogo dos Santos a 27 de julho de 1947.

FIM

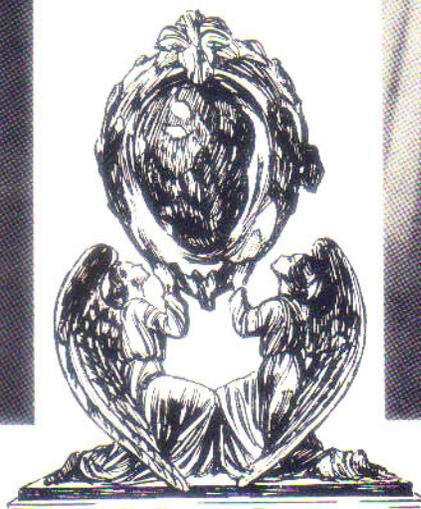
FLORILÉGIO E RELÍQUIAS DA SANTA MENSAGEIRA

◀ Bela concepção artística da Virgem do Globo.

▶ Nossa Senhora das Graças conforme foi descrita pela Vidente.



▲ Missal que por muitos anos foi usado pela Santa.



▶ Relicário no qual se guarda o coração da Santa.

▼ O corpo intacto de Santa Catarina.

▶ O rústico berço que serviu a Catarina.

